

A POSIÇÃO DA ESCUTA PSICANALÍTICA NO DEBATE CONTEMPORÂNEO DAS SEXUALIDADES: ATUALIZAÇÕES POSSÍVEIS NOS ENCONTROS

Fernando da Silva Mancebo¹
Maria Luiza Imenes Nobre de Almeida²
Miguel Rufino Reina Soares³
Maria Julia Macedo de Castro⁴
Enzo Teixeira Soares Marinho⁵

RESUMO

O presente artigo, com o objetivo de fomentar um avanço do debate contemporâneo da sexualidade, empregou o método da revisão de literatura de obras freudianas junto a obras de autores hodiernos influentes no campo dos Estudos de Gênero e da Sexualidade. Com isso, concluiu-se que as novas e múltiplas perspectivas acerca do sexo não buscam uma destruição da práxis psicanalítica, mas urgem por sua atualização. Do mesmo modo, torna-se evidente que há atualizações possíveis nesse encontro de saberes e que os fundamentos da Psicanálise contemplam e endossam a prática de uma escuta potente, com seu caráter revolucionário, subversivo e transformador.

Palavras-chave: Sexualidade; Psicanálise; Escuta.

1 INTRODUÇÃO

Durante o século XIX, mesmo com o avanço da Medicina e da Biologia, a sociedade ocidental passava por um período de grande dificuldade no avanço do tratamento e da cura de doenças e desvios: a impossibilidade de encontrar uma etiologia coerente para alguns conjuntos de sintomas aparentemente inexplicáveis se investigados pelo âmbito fisiológico. Nesse contexto, o paradigma científico aceitava factualmente dois modelos de causalidade, sendo estes a causalidade natural, que explicava os efeitos como provenientes de alguma relação mecânica, como os processos orgânicos no corpo, e a causalidade psíquica consciente, que explicava os efeitos como resultados da tomada de ação voluntária da mente humana.

Sigmund Freud (1996b), médico neurologista da época, ao entrar em contato com a possibilidade de remoção de sintomas de histéricas através da hipnose por meio de Jean-Martin Charcot e, posteriormente, ao trabalhar com Josef Breuer, acabaria por revolucionar tal paradigma ao revelar as influências do que seria

¹ Graduando de Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2550704421348102> ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-2981-475X>

² Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7116542724827529>

³ Graduando em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2272866844076293>

⁴ Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5721849573471388>

⁵ Graduando em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0753491861573508>

definido como o inconsciente na causalidade dos sintomas. No entanto, a parceria com Breuer se encerraria com o que viria a ser propriamente a subversão mais chocante para o meio científico da época. Ao continuar a explorar as dinâmicas e processos que davam lugar à possibilidade de conscientização de conteúdos reprimidos da mente, o homem que viria a inventar/descobrir a Psicanálise colocou em maior grau de importância para a constituição da subjetividade, tanto em um caráter “normativo” quanto patológico, a temática mais polêmica e moralizada do ocidente cristão: a sexualidade.

Assim, a Psicanálise surge como uma prática de desvelamento do inconsciente dinâmico, definindo como de relevância significativa dois conceitos que guiariam propriamente as investigações a serem conduzidas: a pulsão e a repressão. Tais conceitos viriam a ser trabalhados articulando a manifestação e expressão da sexualidade do sujeito em relação ao desenvolvimento psicosssexual deste segundo a cultura do meio social que habitou, experienciada, primariamente, pela figura de seus pais como seus vetores. Nesse sentido, de maneira mais precisa, a sexualidade manifesta se daria sempre a partir de uma modulação do desejo que ocorreria segundo o desenvolvimento subjetivo frente à sociedade e suas normas, a qual seria experienciada, principalmente, por meio das figuras parentais dentro do núcleo familiar, unindo, portanto, a dimensão “individual” à dimensão cultural (Freud, 2010).

Apesar disso, o caráter revolucionário de sua abordagem frente aos problemas que sustentavam suas investigações, por mais que profundamente subversivo em sua época, é hoje muitas vezes ignorado devido ao rumo dado ao seu legado epistemológico. Pesquisadores da área da sexualidade, dos estudos de gênero e do feminismo se encontram em profunda discordância com a Psicanálise na medida em que as investigações levantadas por Freud e carregadas por seus sucessores parecem ser mais a expressão e a naturalização de um conservadorismo do que uma perspectiva crítica em relação a questões extremamente relevantes de nossa época.

Diante disso, de forma a contemplar as críticas endereçadas à práxis psicanalítica, faz-se necessário uma revisão tanto do que constitui a Psicanálise em seu cerne quanto do que se construiu e se naturalizou a partir das investigações conduzidas na origem dessa área do conhecimento. Ademais, é imprescindível que as múltiplas perspectivas levantadas sejam de fato prescrutadas, uma vez que o que garantiu a relevância da Psicanálise foi, desde sempre, a abertura de uma escuta, a qual é impossível se nos fecharmos devido a saberes já estabelecidos. O presente trabalho, portanto, diante de tal problemática contemporânea, tem como seu fundamento uma defesa do caráter revolucionário do pensamento e da prática psicanalítica e, desse modo, encontra sua missão na defesa da escuta, sendo, neste caso, uma escuta epistemológica, que buscará colaborar com a abertura de espaço para o debate contemporâneo da sexualidade e de uma atualização da práxis, aqui defendida no tempo e no território.

2 MÉTODOS

O presente trabalho surge como resultado das discussões promovidas nos encontros do Coletivo Autônomo de Produção Acadêmica da Universidade Federal Fluminense desde o início de 2024. Tal grupo se empenha em um estudo

transdisciplinar, o qual busca romper com fronteiras supostamente demarcadas de diversas áreas do conhecimento. Desse modo, com o intuito de fomentar um pensamento crítico e fundamentar a formação psi, a qual urge por uma qualificação múltipla, escapando de modelos teóricos excludentes, os participantes buscam se engajar em diversos saberes, desde Psicanálise até Filosofia, Estudos de Gênero, dentre outros.

Tal contextualização se faz necessária de modo a entender uma ideia crucial neste trabalho: apostamos na Psicanálise justamente por seu caráter dinâmico, sempre aberta para discutir pontos em sua teoria e pensar o hodierno. Munidos, pois, com essa essência metamórfica não centralizadora, buscamos entender como essa práxis pode nos ajudar a pensar e dialogar com a emergência do discurso *queer* no contemporâneo. A realização deste trabalho, desse modo, foi profundamente motivada pelas leituras de obras de Paul B. Preciado e Monique Wittig nos encontros semanais do coletivo, as quais trouxeram à tona o discurso *queer* e todo o aparelho heteronormativo que silencia tais vozes. Nesse sentido, comprometidos com a defesa da escuta clínica, promovida e defendida pela Psicanálise desde seu fundamento com Sigmund Freud, fomos levados à presente elaboração textual como forma de sintetizar as discussões geradas e apresentar os atravessamentos que se deram durante nossa caminhada.

Para isso, já conduzidos pela prática da leitura e da reflexão conceitual, optamos pelo emprego do método da revisão de literatura de obras psicanalíticas fundamentais junto a obras de autores contemporâneos significativamente importantes para os Estudos de Gênero e da Sexualidade, como forma de sistematizar as ideias produzidas em nossos encontros e levantar o debate contemporâneo acerca destes modos de ser e da maneira como estes (não) estão sendo escutados em suas subjetividades.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pode se tomar como evidenciado na investigação psicanalítica freudiana que a sexualidade é o principal organizador da subjetividade, sendo sua modulação no campo social um motivo primário de adoecimento psíquico. Em uma de suas conferências introdutórias ao estudo e prática da Psicanálise, Sigmund afirma:

Mas, antes de tudo, uma coisa: o exame psicanalítico relaciona com uma regularidade verdadeiramente surpreendente os sintomas mórbidos a impressões da vida erótica do doente; mostra-nos que os desejos patogênicos são da natureza dos componentes instintivos eróticos: e obriga-nos a admitir que as perturbações do erotismo têm a maior importância entre as influências que levam à moléstia, tanto num como noutro sexo (Freud, 1996a, p. 53).

Neste excerto, percebe-se a magnitude do sexual no desenvolvimento psíquico. No entanto, paradoxalmente, enquanto a sexualidade ocupa um lugar central na experiência subjetiva, é paralelamente colocada em um lugar de vergonha e segredo. Segundo o pai da Psicanálise, como foi dito, a cultura tem um caráter modulador da sexualidade, atuando como uma força contrária que reprime o desejo. Nesse sentido, o desenvolvimento psicosssexual tem seu início na infância, período no qual as figuras paterna e materna seriam os protagonistas desse movimento de transmissão da Moral à criança, da qual se originaria tal repressão psíquica, e, ao

mesmo tempo, ocupariam um papel central enquanto primeiros objetos de amor. Assim, na tradição freudiana, o incesto tomou o lugar do principal interdito a ser determinado na sexualidade infantil, representando uma necessidade do contexto cultural de impedir “a absorção, pela família, dos interesses de que necessita para produzir unidades sociais mais elevadas (...)” (Freud, 2016, p. 147).

Diante disso, postula-se o Complexo de Édipo, momento nuclear da escolha de neurose no qual a criança apresenta fantasias de ordem sexual voltadas à família, sobretudo aos pais. Já nessa fase do pensamento freudiano é possível observar as tendências epocais de Freud, diante de suas afirmações acerca de uma inclinação congênita das filhas aos pais e dos filhos às mães, ou seja, defendendo uma suposta naturalidade do desejo pelo sexo oposto, o que ressalta a disponibilidade à heteronormatividade presente em sua obra.

No entanto, a despeito das críticas acerca da naturalização da heterossexualidade presente na obra de Freud, é nítida a importância das teorizações sobre a dimensão do sexual para a despatologização de diversas manifestações da sexualidade. Ao longo de sua obra, Sigmund descreve uma bissexualidade inata do ser humano. Segundo o autor, a abertura indeterminada para um objeto sexual caracteriza o desenvolvimento psicosssexual e, dessa forma, deixa de ser visto como uma condição patológica para ser vista como uma fase natural da vida de qualquer sujeito (Freud, 2016). Do mesmo modo, a homossexualidade é prontamente afastada do campo da patologia. Em uma carta endereçada como resposta a uma mãe que pedia ajuda para Freud quanto à condição de seu filho, o pai da Psicanálise afirma: “A homossexualidade não é evidentemente uma vantagem, mas não há nada do que sentir vergonha. Ela não é nem um vício, nem uma desonra e não poderíamos qualificá-la de doença.” (Freud, 1935/1967, p. 43, *apud* Vieira, 2009, p. 11).

Nesse sentido, vê-se que a Psicanálise, em sua defesa da escuta e da subjetividade, posicionou-se de maneira subversiva e contrária às moralizações e discriminações que permeavam a época na qual teve seu início. Sigmund Freud, com seu caráter revolucionário e crítico, buscou ir até onde podia dentro de sua capacidade como analista. Apesar disso, é imprescindível que não percamos de vista a dimensão temporal e territorial na construção de qualquer formulação epistêmica. Freud buscou amarrar da maneira mais coerente e articulada possível as experiências com que se encontrava, e o fez de maneira criteriosa e corajosa, fundamentando seu posicionamento e dando voz a discursos silenciados. No entanto, é fato que o pai da Psicanálise vivia na Viena do início do século XX, um cenário completamente diferente de nosso contemporâneo e, dessa forma, é necessário retomar sua posição analítica, de modo a dialogar com novos saberes que vêm se produzindo acerca da sexualidade, sem, obviamente, apesar disso, negar ou desconsiderar a importância da Psicanálise na contemporaneidade. Dessa maneira, podemos pensar: que outros autores podem nos ajudar a avançar a discussão iniciada?

Apostamos que os autores da teoria *queer*, como Monique Wittig, Paul Preciado e Judith Butler, podem nos apontar caminhos possíveis para pensar sexualidades outras de maneiras a não as patologizar, nem as tomar como “estranhas” em um ideal de normalidade.

Nesse contexto, ao abordar a obra da escritora francesa, é impossível não se deparar com as críticas ao legado freudiano, onde, neste, toma-se como evidente

um curso teleológico do desenvolvimento psicosssexual, o que levaria diversas práticas sexuais a serem classificadas como desviantes. Do mesmo modo, na própria obra freudiana, a homossexualidade é tomada como perversão, o que demonstraria um viés epocal do autor, mas não por isso menos ideológico, no qual a heterossexualidade seria imposta como o fim natural para o curso saudável da sexualidade humana. Desse modo, é possível entender que o modelo original da sexualidade que se baseia na identificação edipiana tem como pressuposto a heterossexualidade, ou seja, ela seria natural do humano, o que levaria à noção do binarismo, homem e mulher, os quais formariam polos nos quais as sexualidades outras seriam versões desviantes dessas categorias essenciais (Wittig, 2022).

É inegável, segundo Monique Wittig (2022), que a manutenção desse discurso tem impactos na subjetividade ao dizer que o conjunto desses processos, ao qual ela chamou de “pensamento hétero”, contribui para a imperatividade da heterossexualidade, que direciona o desenvolvimento sexual para um “serás-hétero-ou-não-serás”, ignorando a diversidade do desejo humano. Diversidade essa que, inclusive, é desconsiderada diante do discurso padronizador da linguagem, cujas lacunas interpretativas são preenchidas por metalinguagens, que as concretizam e as transformam em uma verdade hermenêutica. Esses dispositivos de apropriação do simbólico trabalham de forma a tornar quase impossível falar sobre aquilo que foge da norma, ao mesmo tempo que revoga as tentativas de pensar outros arranjos subjetivos além da heteronormatividade. Segundo a autora:

Assim, o lesbianismo, a homossexualidade e as sociedades que formamos não podem ser pensados nem falados, embora sempre tivessem existido. Assim, o pensamento hétero continua a afirmar que é o incesto, e não a homossexualidade, o seu maior tabu. Assim, pelo pensamento hétero, a homossexualidade não passa de heterossexualidade (Wittig, 2022, p. 63).

Tendo ainda o falo como estruturante central da sexualidade, que carrega em si uma noção binarista de relação com o erótico ao impor uma ideia de aderir ou não à organização fálica, e descartando a possibilidade de elaborações outras para se referir ao sexual, a constituição psíquica ainda se vê presa a uma heterossexualidade imposta, a qual, nesse sentido, apresenta-se como um verdadeiro interdito ao desejo inconsciente, estabelecendo as demandas sociais heteronormativas como forças de repressão a esses impulsos (Wittig, 2022).

Paul Preciado, por sua vez, segue a mesma crítica, mas aprofunda ainda mais tal processo de construção social das noções de gênero e sexualidade ao definir a ordenação social que condiciona o campo da determinação do sexo como um sistema de bioescritura. Segundo o autor:

O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros são omitidos e outros ainda são sistematicamente eliminados ou riscados. A (hetero)sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reinstruir através de operações constantes de repetição e recitação dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais. (Preciado, 2022, p. 37-38).

Dessa maneira, ambos os autores não tomam a heterossexualidade como dada, fora de uma história que a institui como natural e a conserva, por meio de uma contínua manutenção de seu estatuto. E é por meio dessa leitura da sexualidade que se torna possível pensar uma multiplicidade das práticas sexuais, ou seja, pensar as sexualidades sem moral, patologia ou desvio, mas como expressão própria da potência do corpo.

Os pensadores *queer*, portanto, destacam que o entendimento psicanalítico tradicional do sexo nos leva a tomar como natural a heterossexualidade, o que ignora a historicidade e a construção e manifestação social das sexualidades. Outro ponto a ressaltar, ainda abordado por Wittig (2022), seria a recusa dos discursos hegemonicamente heterossexuais em se reconhecerem como discursos políticos, abstraindo a contextura sobre a qual esses pensamentos se fundamentaram e oprimindo discursos outros que possam propor uma reinvenção do pensar psicanalítico. Esses fatores mencionados induzem a discussão e fomentam o debate contemporâneo, abrindo, por meio da crítica, espaço para diálogo e atualização das formulações epistêmicas e contribuindo para uma escuta menos carregada de pressupostos alavancados por sistemas discursivos implícitos no funcionamento de nossa sociedade.

Diante disso, é importante lembrar as falas de Michel Foucault (2012) sobre a veiculação e transformação dos discursos. Segundo o filósofo, devido aos dispositivos que atuam no controle e na delimitação discursiva, é comum e possível promulgar uma “verdade” e não encontrar espaço no campo científico de sua época, não alcançando, assim, uma posição de verdadeiro. E, para demonstrar tal realidade, Foucault fornece o exemplo do pai da genética, Gregor Mendel, o qual só veio a ter seu conhecimento validado quando as condições do campo de saber da Biologia tiveram condições de integrar as propostas nele contidas.

Assim como Mendel foi questionado pela comunidade científica da época, as propostas e reflexões de Monique Wittig e Paul Preciado, também, muitas vezes, não encontram lugar e nem abertura para integração na comunidade psicanalítica contemporânea devido ao caráter subversivo frente a um legado epistêmico que ainda não encontrou condições de abrangê-los. Logo, neste trabalho, buscamos trazer esses discursos para o campo psicanalítico a fim de ampliar o horizonte epistemológico da Psicanálise, de modo a construir um encontro proveitoso e potente.

E, com isso, entendemos a importância de tal encontro de saberes para propor atualizações da práxis psicanalítica que permitam a maior integração dessas outras manifestações subjetivas no campo da clínica, visando não as colocar em uma posição de alteridade. Tendo em vista as formulações da teoria *queer*, é possível conceber as identidades sexuais como não naturalmente dadas, mas se formando no ponto de contato entre diversas forças em disputa. Dessa forma, não é a Psicanálise que origina o discurso da heterossexualidade, mas que, por sua posição circunscrita em um determinado tempo histórico e em uma territorialidade específica, de certo é influenciada por eles. Sendo assim, é compreensível a visão de que, enquanto a Psicanálise continuar a beber desses discursos de viés epocal e heteronormativo, ela se manterá também enquanto um dispositivo opressivo dos corpos LGBTQIA+.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, ao retomar os fundamentos do saber psicanalítico acerca da investigação do desenvolvimento psicosssexual, ressaltamos tanto a importância desses levantamentos iniciais, quanto uma exigência contemporânea de atualização desses tópicos. Sigmund Freud, certamente, foi subversivo ao levantar a sexualidade enquanto centralidade nos processos de subjetivação e ao afirmar que as práticas sociais de ocultamento e proibição do erótico são um dos principais causadores de sofrimento psíquico. No entanto, é imprescindível que não abordemos seu legado fora de uma historicidade, ignorando que certos aspectos de seu legado estão profundamente situados em uma temporalidade e um território específicos.

Diante disso, apontamos a necessidade de contemplar os levantamentos críticos da teoria *queer* acerca do campo da Psicanálise, pensando formas de reformular concepções de gênero e sexualidade para poder englobar, na escuta clínica, pessoas que não se identifiquem com as demandas agressivas impostas pela heteronormatividade. Concluímos, então, que tais conceitos são construções históricas, frutos de uma disputa que elege um discurso como verdade e, conseqüentemente, coloca personalidades dissidentes no campo da alteridade e as oprime violentamente. Através dessa análise, será possível repensar a práxis psicanalítica para ampliar o ato da escuta e acolher a grandeza da diversidade humana.

Destaca-se que, mesmo criticando diversos pontos do legado psicanalítico, autores que sustentam o debate contemporâneo da sexualidade também enxergam na Psicanálise a possibilidade de fazer avançar essa discussão. Judith Butler (2017), uma das principais teóricas feministas, ressalta isso quando afirma que suas críticas tecidas à práxis psicanalítica têm o intuito de apontar caminhos possíveis para transformações que englobem diferentes concepções de gênero. Essa colocação, ainda, evidencia a percepção da autora de que a Psicanálise foi e permanece sendo uma das únicas correntes teóricas que reconhecem a magnitude do sexual para o desenvolvimento psíquico, subjetivo e social. Do mesmo modo, Paul Preciado (2022), ao discursar na Escola da Causa Freudiana, o faz, e o afirma, não com um intuito de destruição do saber psicanalítico, mas como um apelo para atualização: “Apelo ardentemente a uma transformação da psicanálise, à emergência de uma psicanálise mutante, à altura da mudança de paradigma que vivemos” (p. 90).

As sexualidades buscam seu espaço e têm direito de existir e resistir frente às discriminações e violências sofridas. Entendemos o encontro da Psicanálise e dos Estudos de Gênero e Sexualidade como fundamental para a construção de um espaço de pertencimento e reivindicação da própria existência. Nesse sentido, apostamos na abertura epistêmica como forma de promover uma escuta crítica e transformadora e, portanto, finalizamos nossa produção com um chamado para novas pesquisas que busquem essa atualização e fomentação do diálogo. Desse modo, só assim seremos capazes de construir uma sociedade contemporânea mais viva e aberta para os múltiplos modos de ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, J. **Quem tem medo de gênero?** São Paulo: Boitempo, 2022.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume XI; Cinco Lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros Trabalhos (1910)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, S. **Freud (1901-1905) - Obras completas Volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. **O Mal-estar na Cultura**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

FREUD, S. **Um Estudo Autobiográfico, Inibições, Sintomas e Ansiedade, Análise Leiga e Outros Trabalhos (1925-1926)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

PRECIADO, P. **Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

PRECIADO, P. **Manifesto Contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

VIEIRA, L. As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 9, n. 2, p. 487-525, jun. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 nov. 2024.

WITTIG, M. **O pensamento hétero e outros ensaios**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.